



As sr.^{as} D. Maria Helena e D. Fernanda Guerra Gonçalves, discipulas do professor d'equitação sr. Joaquim Miranda, com o seu cavallo favorito. (Clichê Garcez)

Lisboa, 11 de Agosto de 1913

N.º 390

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES
 Redacção, Administração, Off. Com-
 posição e Impressão—RUA DO SECULO, 43

Ilustração
 PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
 DO JORNAL
 O SECULO

ASSINATURA PARA:

| | | |
|--|--------------|------|
| Portugal, colónias e por- tuguezas e Hespanha | Ano..... | 4480 |
| | Semestre.... | 2440 |
| | Trimestre... | 1480 |

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branca, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescém os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



Pedras para acendedores de METAL AUËR legitimo

24 COM PATENTES DE INVENÇÃO AS MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FAZEM

Grande sortido de acendedores e isqueiros

ULTIMA NOVIDADE

O Acendedor TREIBACH equivale a 80.000 phosporos de eterna duração sem mecanismo. Nunca muda de pedras. Não facha.

Manda-se a a amostra pelo correio desde que se envie a importancia de 3 peséttas, ou 600 réis.



Dirigir toda a correspondencia a

EUGENIO LAMPARTER, Sevilha, S.^{ta} Anna, 9 HESPAÑA (Unica representante)

SABONETE DO CONGO = VICTOR VAISSIER

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PELO IR INFORMACOES A PRAZIZO, PE REIRA & C.^a — COIMBRA

Cão-se representantem em todos os cantões



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias



CRÈME SIMON

PARA conservar ou dar ao rosto

FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10.
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quírmicas, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpeltigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, e não foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 25000 e 50000 rs.



PARA QUE = VIVER? =

triste, miseravel, preocupado, sem a nor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YNALO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELE — PARIS.

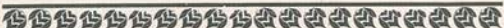


ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 390

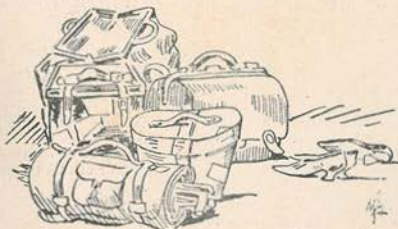
11-8-1913

DR. MANUEL D'ARRIAGA:

A nota dominante da semana foi a viva anciedade com que o paiz seguiu, pelos boletins medicos, a marcha da doenca do sr. presidente da Republica. Felizmente, todos os receios se dissiparam. A forte compleção d'esse velho fidalgo liberal que a Republica elevou á primeira magistratura da nação, soube ainda resistir ás devastações da doanca e da idade. O interesse carinhoso com que meia Lisboa correu ao palacio de Belem a informar-se do estado do illustre enfermo, constituiu a affirmacão do apreço em que todos os portuguezes, sem distincão de cor politica, tem o seu alto espirito e as suas nobres virtudes. O sr. dr. Manuel d'Arriaga entrou em convalescencia. E um dos primeiros cuidados a observar nas convalescencias dos chefes de Estado—disse o professor Machiavava, que ha pouco tratou Pio X—é prohibir-lhes expressamente de ler os jornaes que se publicaram durante a sua doenca.

LISBOA FAZ AS MALAS:

Com a entrada de agosto, acentuou-se o exodo para as térmias. A Baixa e as Avenidas-novas, de guarda-pó, cheias de *colis*, tomam os primeiros comboios. O artritismo nacional, expressão dos vicios seculares d'uma cosinha planturosa de frades bernardos, vae alcalini-



sar-se a Vidago e ás Pedras. As visceras doentes fazem voluptuosamente as malas. Cs figados procuram o Gerez; os rins, a Curia; os intestinos, Caldela. Lisboa, que se congestionou e se intoxicou durante onze mezes, vae ter a ilusão de que se desintoxica e se descongestiona em trinta dias. O que vae, na verdade, é repousar, lavar-se, vêr amanhecer, tirar o chapéu aos grandes céus dourados da madrugada, tomar um grande banho de sol e de ar, e realisar transitoriamente, a muitas leguas do Terreiro do Paço, a melhor de todas as terapêuticas:—a descomplicação da vida.

A CRISE DO BIGODE:

Montesquieu definiu o portuguez: *une grande épée, une grande guitarra, une grande*



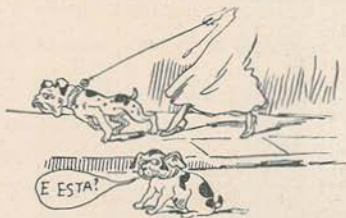
moustache: Se nos visse agora, o espirituoso autor do *Temple de Gnide*, que passou nos salões de *madame Du Deffand* as suas meias de seda e a sua impertinencia,—não nos reco-



nheceria. Nem espada, nem guitarra, nem bigode. O portuguez resolveu-se a rapar a cara,—á inglesa. Enquanto a crise de pêlo se fez sentir apenas entre a *jeunesse dorée*, sobre tudo nos loiros, revelando uma boca fresca, uma dentadura perfeita, uma face rosada e insexual,—tudo ia bem. Chegava a ser interessante. Mas a moda dos beiços glabros seduziu os cincuenta e os sessenta anos, e, sem a defeza do bigode, a velhice das bocas, a mais rapida e a mais inluidivel de todas as velhices, começou a aparecer-nos a cada canto, palida, rugosa, devastada, na ostentação d'aquilo que foi precisamente a mais dolorosa preocupação da velhice de Lauzun...

O NOSSO AMIGO CÃO:

Na ultima sessão da Academia de Medicina, o professor Cadiot, da escola veterinaria de Alfort, chamou a atenção dos medicos francezes para a tuberculose dos carnivoros domesticos e, em especial, do cão. Segundo as ultimas estatisticas, sobre a dezoito mil o numero dos cães tuberculosos de Paris. Todas as raças constituem, por equal, excelentes caldos de cultura para o bacilo de Koch,—desde o esbelto e gigantescos *Danois* até ao *Bull-dog* degenerado e prognata, desde o aristocratico *Fox-Terrier*, com brazão na heral-



dica dos canis, até esses *bibelots* felpudos e indecentes que são os *Griffons* e os *King Charles*.—*Gare aux chiens!*—grita o professor Cadiot. E, entretanto, prova-se que os cães adquirem a tuberculose por contagio da tuberculose humana. D'onde se conclue, (por mais de um motivo, que não é o homem que deve fugir do cão; é o cão que deve fugir do homem.

JULIO DANTAS

Ilustrações de Manuel Gustavo.

A Vingança do Senhor de Aborim



Gonçalo Fernandes de Barbosa, senhor da casa de

Aborim, quando n'aquelle agreste novembro de 1385 foi repousar na paz rural do seu velho solar das fadigas da guerra com os castelhanos, seguido apenas de doze dos vinte homens de armas que comsigo levára, grandemente se admirou de não achar, no acolhimento que lhe fizeram os seus familiares, o alvorço festivo que no regresso de outras expedições menos importantes sempre tinha lisongeado o seu orgulho de vencedor.

! Era justo o espanto do guerreiro. Com effeito, já ninguém então ignorava que o bravo fidalgo miúdo, depois de ter defendido heroicamente os castelos de Neiva e Curutelo, com taes façanhas assinalára a sua passagem nos campos de Aljubarrota, que o grande Condestavel, finda a peleja, o apertára contra o peito, em comovido abraço, proclamando-o um dos mais valerosos e fiéis cavaleiros de Portugal.

Por isso, ao abalo da surpresa, logo succedeu o sobresalto do amor-proprio ferido—e, tão violento ele foi, que o senhor de Aborim, depois de ter agradecido a Deus e a S. Jorge, de joelhos no oratório, os triumphos da campanha, não poude furtar-se a exclamar, enquanto desafiavelava o arnez, auxiliado por um sargento:

—A' fé que, pelo vosso parecer, mais me cuido tangamão arrendido que busca pousada, do que vassallo de El-Rei saído com honra e fama da mais brava peleja que ainda houve com castelhanos!...

—Senhor, não...—murmurou o capelão, amedrontado.

Mas foi a esposa, a mui nobre Brites Corrêa, da casa de Farelães, quem com mais segurança respondeu ao afremado guerreiro:

—Grande alegria recebemos de vossos feitos, senhor, e todos os dias temos louvado a Virgem e S. Rosendo, vosso tio, pela gloria que mais uma vez, pelo esforço do vosso braço, alcançaram os do nome de Barbosa. Mas olhae para mim, e vêde que não são de gala as minhas vestes...—

—Quem morreu? Quem morreu?—inquiriu com veemencia Gonçalo de Barbosa, atentando pela primeira vez no mungil que enlutava sua mulher.

—Nem só por morte trajam luto as da minha linhagem!

—Então?... Que aconteceu?... Falae asinha!

—Na vossa ausencia, grande afronta recebemos.

—Quê? Quê?...—e, com os olhos incendiados pela colera o senhor de Aborim logo esboçou um gesto para se apoderar de novo das armas que acabava de deixar.

—Brites, a segunda de nossas filhas, foi-nos roubada.

Uma imprecação, semelhante a um bramido de fera, saiu da boca d'esse homem forte. Das suas tres filhas, a que mais amava, a unica que até então conservára solteira por não achar cavaleiro que a merecesse, era justamente aquella que lhe arrebataram!...

—E o vilanaz ainda tem vida?—perguntou afinal.

Com um humilde gesto de magua, foi o padre capelão que lhe respondeu:

—Ninguém o descobriu ainda, ninguém sabe quem é!...

A colera do fidalgo inflamou-se então em uma raiva demente, que mais temerosa tornou a sua figura asselvajada pelos trabalhos e as cruzes da guerra. E, esbracejando perante os familiares intimidados, clamou:

—Que casta de gente sois vós outros, que nem uma donzela honrada e referteira sabeis guardar?! Que fizestes emquanto eu andei na guerra?

Largo tempo bravejou o velho. Mal despojado ainda das suas armas, agitava-se navasta quadra, arrepelando as barbas e fazendo tilintar no lageado as grevas ainda salpicadas da lama dos caminhos.

Ao cabo de meia hora, o capelão, vendo-o mais socegado, lembrou-lhe que já no refetorio fumegava o repasto que a boa dona, sua mulher, havia mandado preparar, para o refazer das fadigas da jornada—e acrescentou, com uma chama de gula nos olhos, que entre as iguarias que o esperavam havia quatro lampreias das primárias d'aquelle ano, as melhores que ha muito saiam das aguas do Cávado...

Mas Gonçalo de Barbosa tomou-lhe um braço e com tal violencia o repuxou para si, que fez saltar sobre o bojo do seu abdomen os colchetes da loba.

—Padre, tu sabes, padre!... Fala! Quem foi o ransador de minha filha?...

O clerigo tremeu ao sentir nas carnes flácidas a pressão d'aquelas mãos asperas e duras como as manoplas de ferro que pouco antes as revestiam.

—Senhor—balbuciou ele—procure-o entre os vossos inimigos.

—Os meus inimigos!... exclamou Gonçalo. E, durante alguns minutos, o seu pensamento revolvia laboriosamente todo o pó de recordações que antigas lutas de ambição e orgulho tinham levantado na estrada da sua vida... Cs seus maiores inimigos, depois dos castelhanos, eram alguns dos seus parentes, porque desde o tempo de el-rei D. Diniz sempre na linhagem dos Barbosas houvera demandas e até rixas homicidas por causa de partilhas... Seria algum d'esses?...

O velho meditou longamente—e de subito, como se uma aggressão o despertasse, brandiu com violencia os punhos fechados.

—Foi ele! Foi ele!—exclamou.

Apezar do terror que o fizera recuar, o capelão não poude sofrer a curiosidade:

—Quem, senhor?...

—O comendatario do Carvoeiro! Não podia ser outro! Mas, aí d'ele! morrerá ás minhas mãos, poleado como um sapo!

Sob as cerdas do sobrolho encrespado, os seus olhos luziam como duas brancas avivadas por um sopro. Havia já tres anos que entre ele e o comendatario do Carvoeiro corria porfiada demanda, á conta d'um padroado que ambos disputavam com rancorosa tenacidade. A farsa de odio que do primeiro choque de interesses tinha irrompido, nunca mais se apagára, porque nas alegações apresentadas para defeza da sua causa, nenhum dos contendores se eximira de enxovalhar o outro com as mais injur osas accusações... E n'aquelle tempo não havia talvez em toda a provincia dois homens que mais apaixonadamente se malquizessem.

Logo na madrugada seguinte, o senhor de Aborim expediu correios chamando os filhos ausentes, para com eles concertar o castigo com que

devia ser desafrontada a honra da família. O mais velho, Fernão, que repousava em Ponte do Lima, nos braços d'uma noiva, das fadigas da guerra, chegou logo ao anoitecer d'esse mesmo dia; o segundo, Gonçalo, que engordava placidamente na sua comenda de Paço de Sousa, só ao fim de uma semana apareceu, lamentando-se da má andadura do cavalo, tanto nas ladeiras dos montes como nos andurriões dos vales.

Encerrado com eles no alto da torre, expôz Gonçalo de Barbosa o negro feito do comendatário — e logo ás primeiras palavras o mesmo brado saiu da boca dos dois moços contra o vilão ruim que assim ousára agravar uma das mais nobres famílias das Hespanhas:

— A' morte!

O plano da vingança logo ficou ali urdido. Naquele mesmo dia dois olheiros de confiança iriam vigiar o mosteiro do Carvoeiro; e logo que se anunciassem os preparativos da jornada que o comendatário fazia com frequência a Braga, um d'esses homens viria trazer o aviso á casa de Aborim. O restante ficava a cargo dos fidalgos afrontados.

Uma semana decorreu. Encerrados no solar, com uma impaciência que dia a dia exacerbava o seu odio, os tres fidalgos de Aborim semelhavam feras esperando no fundo d'um covil a passagem da presa cubicada. Afinal uma tarde, já quando a sombra crepuscular esfumava os vales, um dos olheiros chegou de improviso, informando que o comendatário do Carvoeiro devia sair para Braga na madrugada do dia immediato; sómente não fôra possível averiguar qual o caminho que ele seguiria, pois era seu costume varial-o consoante as visitas que, durante a jornada, fazia aos parentes e amigos que assistiam entre o Lima e o Cávado.

A dificuldade era embaraçante, mas Gonçalo de Barbosa e seus filhos logo a removeram, deliberando que cada um d'elles, acompanhado apenas de um familiar, fôsse aguardar o comendatário em caminho diverso, ficando assim confiada á sorte a escolha d'aquelle que devia vingar a afronta.

Saíram ante-manhã, armados como se fôsse jogar a vida em uma pugna heroica; e quando se separaram, ao cabo de longa caminhada, sob a branda claridade do dia nascente, mais uma vez a horrível palavra de ordem foi entre elles segredada:

— A' morte!

Gonçalo de Barbosa, como chefe da família, escolheu para si o principal caminho, e foi esperar o inimigo em um lugar ermo, proximo da Portela das Cabras, na sombra de um pinhal pertencente aos senhores de Penagate, cuja torre ainda hoje ergue, perto d'ali, os seus altos e aguerridos muros.

Longa foi a espera. O dia rompera já, nublado, tristonho, como enlutado pelos torvos odios d'aquelles homens, e nem um só viandante, sequer, dera ainda ao senhor de Aborim o sobresalto illusorio de que ia pertencer-lhe a honra da vingança. Impaciente, cuidava já em retroceder, quando viu, enfim, surgir, na crista d'um esbarrondadeiro, montado em uma mula e seguido de dois servos, o odiado homem que esperava.

Reconheceu-o logo. Era ele, bem certo! — E a sua alegria foi maior quando verificou que o comendatário trazia sobre si boas e bruniadas armas. Cravando os acieles nos ilhaes do seu alfarrás, Gonçalo fel-o saltar para o meio do caminho — e, meneando a lança que em Aljubarrota o celebrára, gritou sem dar tempo a que o outro se refizesse da surpresa:

— Defende-te, vilão, que á fé de quem sou te

juro que não acabarás com vida o dia de hoje!

O comendatário, aturdido, arrancou da espada. — Arreda! — bradou — Quem quer que sejas, caro pagarás a ousadia!

— Olha bem para mim, mescão! — tornou o senhor de Aborim, levantando a viseira, com redobrada furia. — Vaes saber como Gonçalo Fernandes de Barbosa castiga aqueles que o afrontam.

O outro abriu a boca para replicar; mas como o seu adversario já avançava para ele de lança em riste, logo cuidou de defender-se.

O recontro foi brutal. Gonçalo, alucinado pelo odio, atacava esse curioso da arte da guerra como um inimigo encontrado n'um campo de batalha, em pleno ardor de peleja. Mas o perigo, que faz valentes os fracos, duplicou a energia da defeza do comendatário, e foi só ao cabo de alguns minutos de combate que o senhor de Aborim, vendo caído o barbete do seu contendor, o derrubou com uma lançada horrível, na garganta. Tombado sobre as pedras do caminho, o ferido estorcia-se ainda, com um resto de vida, quando o velho guerreiro, apeando-se, o foi examinar. O sangue, gollando sob o aço bruniado das armas, empocava-se já nas dobras do manto do comendatário e pa-



recia mais vivo, mais sinistro, sobre as escamas luzentes da cota de malha onde um magnifico grilhão de ouro maciço brilhava.

Insensível, o senhor de Aborim tocou esse corpo miserando com a ponta da sua bota de ferro, e rugiu:

— Sabe, perro, por que preço eu pago afrontas!

Mas um forte tropear de cavalos a galope quebrou de subito o silencio do descampado. Gonçalo olhou em volta, alarmado. Eram os servos do comendatário que, vencido o pavor dos primeiros instantes, fugiam talvez para levar a noticia do feito ás justças de el-rei.

— Ch, a vilanagem! — exclamou o fidalgo.

E logo, despedindo o seu cavalo em uma carreira, lançou-se em perseguição dos fugitivos.

Junto do cadaver do comendatário, um homem ficou. Era o servo de Gonçalo de Barbosa. A tragedia não o assustára. Comtudo, imobilizado na orelha do caminho, alguma coisa atraía o seu olhar: era o grosso grilhão de ouro que brilhava sobre a cota de armas do morto. E quando ao longe se extinguiu o tropear do cavallo de seu amo, abaixou-se, soergueu a cabeça do cadaver, que o bacinete tornava mais pesada, e arrancou-

lhe o precioso grilhão n'um soffrego gesto de rapina.

Já declinava o dia quando, alquebrado pela fadiga de uma inútil perseguição, o senhor de Aborim reentrou em sua casa. Os filhos, que o esperavam já alarmados pela demora, correram alvoroçadamente ao seu encontro.

— Senhor pae, que novas trazeis? Tão tardinheiro vindes!

O velho fidalgo não respondeu logo. Olhando a estreita lumineira do oratório, onde uma luz avermelhada tremeluzia, disse:

— Vossa mãe está orando... Deus seja conosco! — E depois, sombriamente, acrescentou: — O malvezado lá ficou morto no caminho rodeiro, como escravo fugião.

— Resistiu?

— Como dona que deixasse a roca para tomar a adaga. Ha longas horas que reudou a alma; já na atareca da minha lança enegrecou o seu sangue maldito.

— Está desagradado o nosso nome! Honra a vós, senhor pae!

Mas, at! alguns dias depois o velho fidalgo era procurado no seu nobre solar pelas justicas de el-rei, sob a infamante accusação de ter usado das armas que illustrára em Aljubarrota, para assassinar e roubar viandantes pacificos. — Salteador!...



El-rei, que ele servira denodadamente com o seu esforço e os seus homens de armas, assim lhe lançava em rosto, pelos officias da sua justiça, uma imputação de tamanha viltá!... Mas foi em vão que protestou; as suas explicações, os seus juramentos, as suas ameaças não encontraram eco na sensibilidade dos juizes. E, enquanto o servo infiel, que o acompanhára na manhã tragica, vendia clandestinamente, a um judeu de Barcelos, o grilhão de ouro roubado ao comendatario do Carvoeiro, o senhor de Aborim, julgado em processo sumario, era declarado salteador e assassino, e condemnado a perder, além de todos os seus bens, os privilegios e honras que, como honrado cavaleiro, lhe pertenciam.

Gonçalo de Barbosa explava assim a horrivel injustiça que havia praticado, pois não fóra em verdade o comendatario do Carvoeiro quem arrebatára a mais amada das suas filhas.

Muitos anos depois, o seu primogenito, Fernão Gonçalves de Barbosa, a quem tinham sido restituídos, com grandes acrescentamentos, os bens confiscados ao pae, andando pelos arredores de Monsão, em serviço de guerra, foi obrigado a tomar pousada em uma herdade de Lapela, na ourela do rio Minho. De boa sãvria lh'a ofereceram os pobres rusticos que n'ela viviam; mas, quando acabava de enxugar ao calor de uma fogueira as

armas e as roupas humedecidas pela chuva torrencial que o surpreendera no descampado, o fidalgo viu com assombro os seus hospedeiros, mulher e homem, rodeados de creanças, todos de joelhos a seus pés, implorando perdão em altos brados.

Irrefletidamente, no primeiro instante, julgou-se vitima de alguma cilada de castelhanos entendidos com aquela obscura gente fronteiriça — e logo arrancou da espada, pronto a vender cara a vida que só mais tarde devia perder em Alfaro-beira, combatendo ao lado do infante D. Pedro.

Mas a voz da mulher, suplicante, deteve esse gesto de ira:

— Senhor, não me reconhecestes ainda?

Era Brites, sua irmã, a fugitiva que dera causa á desonra e á ruína de seu pae... — Como a reconheceria ele sob as grosseiras vestes de uma serva de granja, sem mocidade, sem beleza, sem um vestigio sequer d'esse aprumo orgulhoso que a fazia notada entre as irmãs!...

Um brado de vingança saiu da boca do novo senhor de Aborim:

— Ah, ribaldos!...

Mas já longos anos tinham passado sobre o delito; Gonçalo de Barbosa era morto com o labéu de salteador totalmente apagado pela confissão do verdadeiro roubador do comendatario; e

ele, Fernão Gonçalves de Barbosa, era então um dos mais honrados e poderosos fidalgos de Entre Douro e Minho... — Por isso, o gesto que succedeu a esse primeiro brado de colera, foi de paz e perdão.

Brites de Barbosa não tinha sido arrebatada por vingança, nem fugira romanticamente com nenhum cavaleiro herolico. O homem que a cativára era um simples clerigo. Este-vam Gonçalves, a quem chamavam «o justeiro», por cuidar mais de torneios e galantarias que do serviço de Deus. Especie de clerigo-jogral, insinuára-se no coração da altiva donzela narrando-lhe antigos casos de amor e recitando, no segredo das entrevistas noturnas, as mais perturbadoras trovas d'aquella epoca:

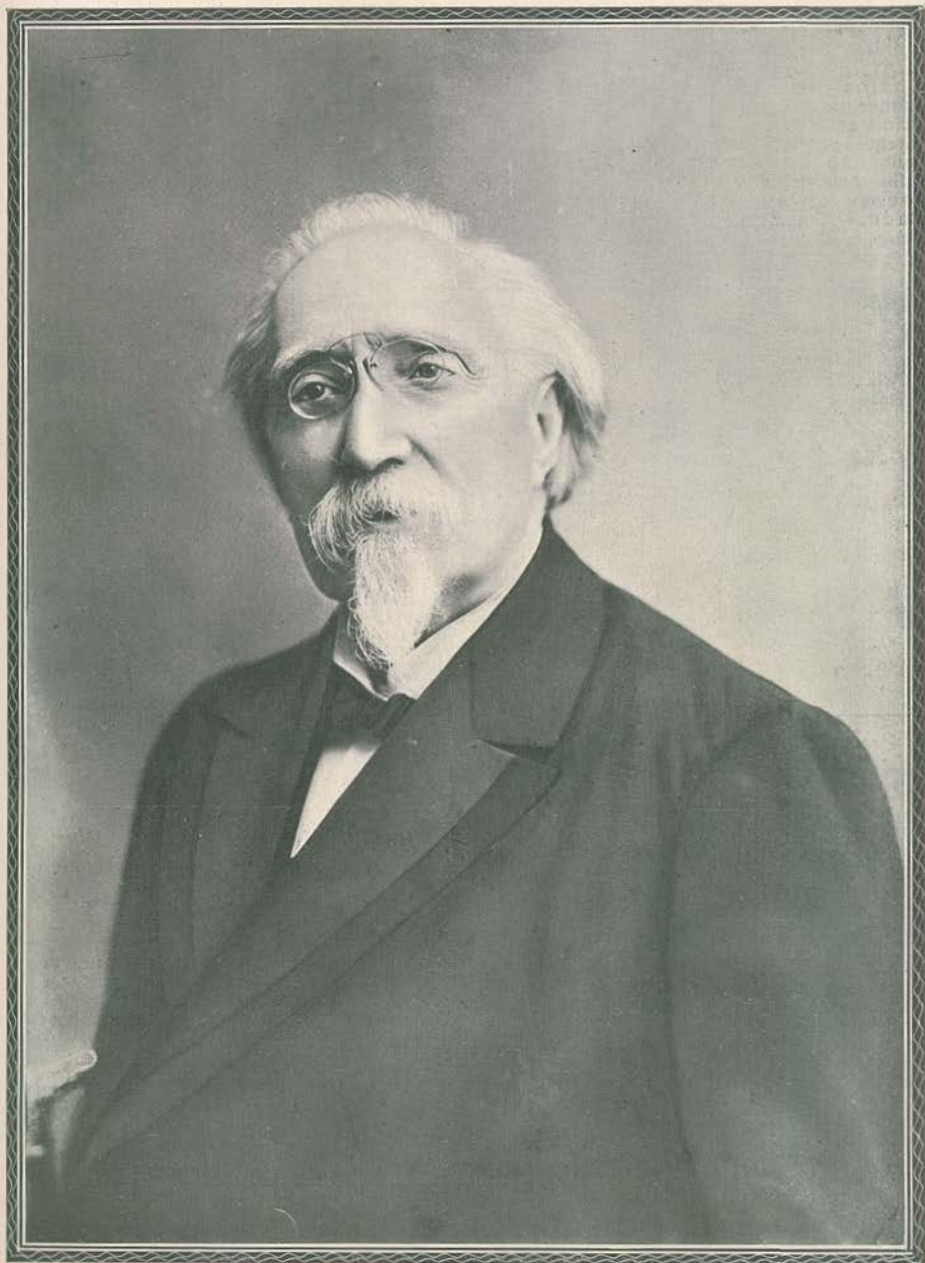
De que morredes, filha, a de corpo louçano?
Mãdre, moyro de amôres que me deu meu amado!

Um dia, impossibilitados de occultar o seu desvario, fugiram; e como os paes de Estevam possuíam um pequeno casal nos confins do Minho, lá se refugiaram, miseravelmente, lavrando por suas mãos a terra que os alimentava...

Fernão de Barbosa era sensível a coizas de amor. Ele proprio casára, por motivos sentimentaes, contra vontade do pae, com a bela Leonor Malheiro — a flôr das donzellas nobres de Ponte do Lima. Assim, comovido pela contrita narrativa da irmã, não só lhe abriu os braços, mas ainda aprovou o seu casamento com o clerigo, doando-lhe importantes bens e padroados. A nova familia, assim legitimada, de tal modo cresceu e prosperou que, volvidos alguns anos, o sangue de paixão que a creára invadiu triunfantemente quasi todas as casas tradicionais do norte de Portugal — e creio deversas que a voz d'esse sangue despertará hoje em muitos leitores d'esta historia, uma instintiva e reabilitadora simpatia pelos dois fugitivos que deram causa á tragica morte do comendatario de Carvoeiro, ha mais de cinco seculos, n'uma sombria manhã de inverno...

D. JOÃO DE CASTRO.

A doença do sr. Presidente da Republica



Sr. Dr. MANUEL D'ARRIAGA (o seu mais recente retrato, cliché da fotografia Fernandes).

Foi uma luta medonha com a morte a d'aquella organisação robusta, foi; e durante tantos dias não houve um só coração verdadeiramente portuguez que não batesse affitivamente, ansioso pelo resultado. E quantos



tas saíam dos labios tão sinceras, tão repassadas de receio, como ao brotarem do coração. Uns annuncios, embora leves, do estacionamento do mal eram o sufficiente para galvanisar de esperança Lisboa inteira;



O palacio de Belem, residência do sr. Presidente da Republica, o o quarto onde está o illustro enfermo

uma ou outra expansão de alegria. O costume muito nacional de se perguntar pela familia, mesmo áqueles que não a tem, era substituido pela invariavel pergunta sobre as ultimas noticias do estado do Presidente. O que dizem os jornaes? O que está nos placards? O que se sabe pelo telefone?

Não se perguntava n'esse tom de curiosidade mórbida, insaciavel de coisas tristes, de desgraças, de tragédias; perguntava-se com vivo aneio de melhora; as pergun-



O sr. João d'Arriaga, irmão do sr. presidente da Republica.

se não chegaram a despedaçar na certeza angustiosa de que era a morte quem vencia!

Lisboa andava preocupada, oprimida; até nas casas de espectáculo, nos comboios, nos electricos, nos vapores da Outra Banda respirava-se uma atmosfera de inquietação, mal disfarçada por



O sr. dr. Afonso Costa, chefe do governo—O sr. dr. Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista no pateo do palacio de Belem.

Alguns visitantes do palacio de Belem durante a doença do chefe do Estado



Os srs. José e Miguel d'Arriaga, irmãos do sr. dr. Manuel d'Arriaga.

uma alteração para peor, por menos apreciavel que fôsse para o publico nas relações entre o numero de pulsações e os grãos de temperatura, fazia-o cair na mais desolada prostração.

Parecia que todos andavam sob o negro presentimento de que uma grande desgraça

lhes ameaçava o proprio lar. E, de facto, o illustre presidente da Republica soube integrar-se com todas as nossas afeições mais puras, pela tempera lidima do seu character, pela elevação do seu espirito e pela delicada sensibilidade do seu coração. A Republica entre nós, para inspirar simpatia e confiança até aos menos afetos a esse

regimen, não podia ser melhor personificada do que no dr. Manuel d'Arriaga.

Ha mezes que todos nós notavamos com cuidado uma certa depressão n'aquella figura tão despenhada e esbelta, como querida e prestigiosa.

Aos 73 annos, embora se seja açoriano, com enxertia do sangue mais fidalgo e vigoroso que do estrangeiro foi para os Açores no seculo xv, não se aventura a gente impunemente á vida movimentada e acidentada de comoções, quasi sem tréguas, para que se tem sentido solidamente o chefe do Estado. Mesmo aos quarenta, não é facil resistir.

Não havia festa notavel nas escolas, nos centros, nos teatros, certamens variadissimos d'arte, comemorações de factos tristes e gloriosos da vida nacional, lances tragicos, como o que ainda ha pouco se deu, em que ele não apparecesse logo, evocando e reunindo singulares energias e compartilhando indistintamente da alegria de uns e das dores de outros, n'uma d'estas lutas pegadas, sem intermitencias, pavorosamente exgotantes de caminhadas e de sensações opo-

tas, capazes de arrazar o mais valente organismo. E, por cima d'isto tudo os negocios do Estado, a que ele dedicava em vigílias sabe Deus quantas horas indispensaveis ao sono reparador, ao descanso a que teem direito, absoluto direito, todos os que trabalham, desde o misero cavador de enxada ao mais guindado pensador! Quanta energia, quanta sensibilidade, quanta vida, se não dispendem assim, repartidas insensivelmente n'uma dosagem maior ou menor e da qual, quando menos damos por isso, o pouco que nos resta póde evoluar-se ao mais leve sopro! Tanto repartiu, tão generosa, tão estoica e— perdôe-nos s. ex.— tão irrefletidamente, que ia ficando sem nada! E' verdade que o fogo da sua grande alma foi a que ecer muito desalento, estimular muita iniciativa, galardoar moralmente muito merito, suavisar muita dôr, derramando-se por todos n'um luminoso ensinamento

das virtudes e dos deveres de um chefe de Estado; mas é necessario poupar esse fogo, precioso para o paiz, como a chama de Prometeu para o seu barro. Ainda nos lembramos, e com saudade, do que se passou n'uma das visitas do illustre Presidente, uma d'essas visitas, para nós altamente honrosa e de um encanto indizivel, que s. ex. fez ao salão da *Ilustração Portuguesa* por occasião de uma das ultimas exposições artisticas.

N'aqueles dias não o haviam deixado so-



1. O ministro dos negocios estrangeiros e sua esposa entrando no palacio de Belem.— 2. O sr. Anselmo Braamcamp Freire, presidente do Senado com sua esposa.— 3. O sr. dr. João de Menezes e sua esposa.— 4. O sr. Pereira Bastos ministro da guerra e sua esposa.



1. Srs. drs. Francisco Gentil e Belo de Moraes depois d'uma conferencia no palacio—2. Sr. dr. José Joaquim d'Almeida, medico assistente do presidente 1a Republica—3. Srs. drs. Bordalo Pinheiro e Castro da Cabeça á saída do palacio



O encarregado de negocios d'Inglaterra. O ministro da Alemanha. Ministro da França. Ministro do Brazil. Ministro do Uruguay.

cegar umas horas, e n'esse já era a terceira visita que fazia!

Antes de descer o ultimo lance da escadaria para tomar o automovel, o sr. dr. Manuel d'Arriaga mostrou desejos de descansar um pouco e fel-o por minutos no gabinete de Silva Graça. A' respeitosa observação de que era indispensavel moderar tão extenuante movimento, fugindo mesmo de Lisboa, por uns dias, se não houvesse outro meio de resistir a convites e solicitações, respondeu, gracejando, que já



Sr. dr. Brito Camacho, chefe unionista, e dr. Augusto de Vasconcelos antigo presidente do conselho

(Clichés de Benoliel)

estava convencido de que, para ter descanso, só se cometesse um crime, pelo qual recolhesse á cadeia.

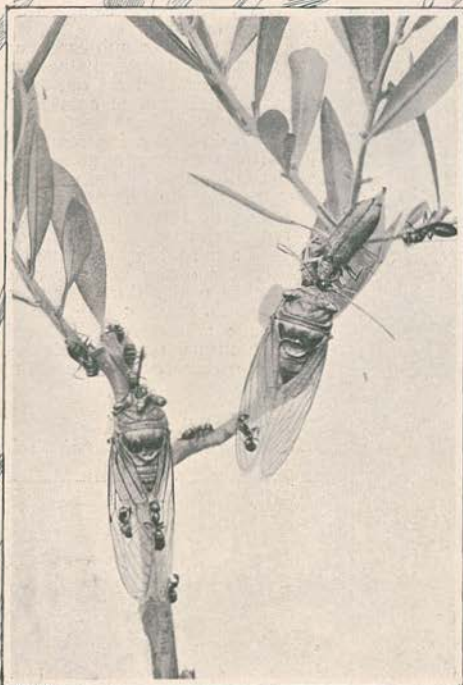
Deixemos, pois, descansar o illustre presidente da Republica, pois o contrario é que é um verdadeiro crime; deixemol-o refazer as forças e poupe-mol-o d'aqui em diante com todo o cuidado; porque, pelos dias desuprema aflicção, que o paiz acaba de atravessar, avalia-se bem como lhe seria doloroso perdol-o.

A. M. F.

A CIGARRA

(Aos meus patricios do Alemtejo)

«Cantaste?
«Pois dança agora!



Durante os dias de calor varios insetos e principalmente as formigas disputam a seiva das arvores pelos orificios abertos pelas cigarras

E a miseria aí vem, pelos seculos fóra, desde os velhos tempos de Esopo até La Fontaine e a quantos fabulistas teem querido passar ao verso uma grande lição de economia, um grande exemplo de previdencia, acorrentada ao estigma deprimente de uma imprevidencia imperdoavelmente descuidosa, sem jamais sair ao seu encontro uma boa palavra, uma voz autorisada e forte a protestar contra tão despregiçosa aleivosia!

E todavia a cigarra, tão caluniada, tão vilipendiada, é digna da nossa consideração e merecedora de ser reabilitada em toda a linha.

Já a persistencia com que ela nos atordoa os ouvidos, desde que o sol aquece, até que ele se esconde, n'estes dias quentes do Julho e do Agosto no nosso rubro torrão alemtejano, em que o ar escalda e as estradas e os caminhos põem reverberações de fogo, é um alto exemplo de constancia admiravel.

Musica diabolica? Cega-rega infernal?

Muito embora, mas tenacidade e resistencia admiraveis.

Qual de nós haverá que não tenha sido embalado ao som da histo-

ria, em que a pobre cigarra aparece aos primeiros rebates de frio, como misero peregrino, de sacola e bordão, mendigando a esmola de uns grãos do celeiro fartamente entezourado da formiga?

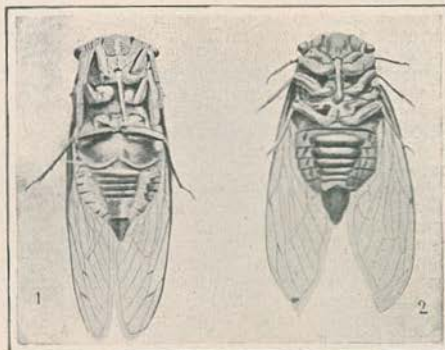
E, oh Deus!, a cigarra não se alimenta de grãos; ainda mais: de inverno não ha cigarras!

A fabula ofende por isso a verdade e ofende a historia natural.

E a que vem a sobrançeria desdenhosa da formiga, da formiga que, ao contrario, é quem se aproveita dos trabalhos da cigarra, parasitando traiçoeiramente nas suas reservas de alimentação?

«Cantaste?
«Pois dança agora

lhe diz ela, mas a Providencia não dorme e a hora da justiça é



A cigarra macho (1) e a cigarra femoa (2) vistas por baixo

chegada, para proclamar bem alto que o pedinte arrogante, que vae até ao roubo, é a for niga, e que a vitima das suas façanhas é a cigarra industriosa!

per-se os ovos, para darem saída a pequenissimas larvas, que pouco tempo depois caem sobre a terra, furando-a até á profundidade bastante onde não cheguem os frios do inverno, mas que as pequenas raizes alcancem, para n'elas se alimentarem.

Abrem galerias subterraneas e ali se demoram durante quatro anos, correspondentes a outros tantos estados de vida, até que, já com azas rudimentares veem para a luz do dia, ao solstício do verão, fazerem-se insetos perfeitos e morrerem ao fim de cinco semanas, depois de terem enchido os campos com a cega-rega do seu canto e depois de terem dado ao sol criador os germens abençoados da vida, que dá a perpetuação da especie.

A seguir o seu cadaver resequido cae sobre o piso duro dos caminhos, onde ainda o viandante o vae achar arrastado pelas formigas, que lhe dão por sepultura os seus celeiros, para um dia o devorarem n'um ultimo festim.

Gerez—Julho, 1913.

Tude M. de Sousa.



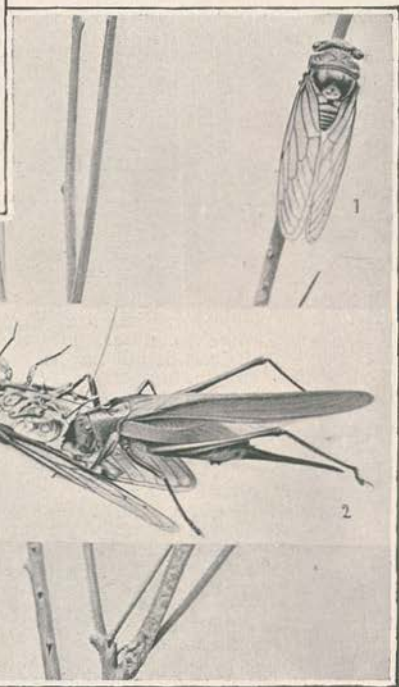
As cigarras e os seus despojos de crisalida

Fixada sobre ramos tenros, a cigarra fura a casca, para sugar d'elles a seiva do seu sustento, que vae bebendo sempre, nos curtos intervalos da cantoria.

O sol cae a prumo, o calor sufoca e então as vespas, as moscas, muitos outros insetos e formigas—formigas sobretudo—gulosos e cheios de calma, ai vão em romaria sobre as fontes abertas pela cigarra matar a sua sede, afogar lautamente os seus appetites gulosos.

Picam-na, tratam-na mal, e ela, cheia de paciencia, não recalcitra e lá vae, como Deus é servido, bebendo os restos que lhe deixam os invasores.

Qual é pois a evolução da vida da cigarra? Nos fins de julho começa a sua postura, depondo os ovos em pequenos e delgados ramos secos, nos quaes abre ranhuras para esse fim. Cada fema pode pôr 300 a 400 ovos, brancos como marfim, o que garantiria uma larga reprodução, se não houvesse outros animaes que os destroem; por todo o outubro começa a rom-



A cigarra na postura. 2 O gafanhoto verde, falsa cigarra do norte, devorando a verdadeira cigarra do sul

Em S. Tiago de Guimarães



Lavradeiras negociando a troco de dez reisinhos para a santa da sua invocação o seu grande ramo de flores.

A romaria de S. Tiago é das mais lindas e formosas que se fazem à beira de Guimarães mantendo um culto tradicional, sendo uma verdadeira nota de regionalismo desde o arraial onde os pimpões perpassam, as raparigas frescas pedem para o



Devorando o farnel junto do casco do vinho.

santo e os cegos de violões e rebecas cantam as suas trovas alegres.

Durante o ano todas as moçoilas juntam dinheiro para irem à festa de saia vistosa e lenço deramagem, o oiro a luzir sobre os seios fartos, partindo pela manhã ao toque do

macho bem arreado, parecendo morgadas as opulentas, eles, já com um brilho significativo no olhar, sonhando o regalo do dia passado a beber e a bailar animadamente.

Tem estas romarias além do seu pito-



resco, o merecimento de serem mercados onde se feiram por vezes grandes importancias animando assim a vida d'aquello logarejo que fica a doze kilometros de Guimarães de onde vae muita gente assistir a essa festa.

A chegada dos andores.



Um aspecto do arraial á partida dos andores.—(Clichés do sr. Manuel da Silva Leite)



1.º grupo das companhias de saúde nos exercícios desportivos.

O juramento de bandeiras na companhia de saúde

O juramento de bandeiras nos varios regimentos é já feito d'uma fôrma que dá ao soldado a certeza de não encontrar, entre aqueles com quem vae conviver, a brutal e despotica disciplina do passado em que o militar não era ainda o cidadão.

Agora abrem-se as casernas dos regimentos como lares comuns onde os soldados se encontram n'uma ampla camaradagem tendo da parte dos superiores um acolhimento que sem



Os officiaes inferiores do 1.º grupo da companhia de saúde

1. Capitão-medico sr. Bugalho; 2. Alferes sr. Silva, do quadro auxiliar; 3. Comandante do grupo, major-medico sr. Justino de Carvalho; 4. Capitão medico sr. Suzano; Tenente sr. Carmo, do quadro especial; tenente-medico sr. Sá Teixeira.

quebrar o respeito devido lhes dispõe bem os animos para cumprirem o serviço militar a que todos são obrigados.

E' sempre com festividades que se recebem os recrutas e isso ficou accentuado nas que se realisaram na companhia de saúde em que houve exercicios desportivos a marcar bem a dextreza dos soldados d'aquelle corpo e os beneficios d'uma bem dirigida educação fisica, como é ali ministrada.



O 1.º grupo da companhia de saúde que tomou parte nos exercicios

Concurso hipico em Coimbra



Depois da capital do norte se ter colocado no primeiro plano dos exercicios desportivos, Coimbra marca tambem d'uma maneira surpreendente as tendencias d'esse genero já espalhadas, por todo o paiz, ao fazer um admiravel concurso hipico, dos melhores que se tem realizado.

A ele concorreram alguns dos mais distintos cavaleiros, dos mais conhecidos cultores do sport hipico cujas reputações estão afirmadas e cujos merecimentos estão estabelecidos com as classificações que lhes tem sido conferidas nas varias provas por eles disputadas.

E' na Insua dos Bentos que está

1. Um trecho da assistencia



o magnifico hipodromo no qual se apresentaram os concorrentes.

A assistencia era numerosa, vendo-se muitas senhoras apesar do excessivo calor, sendo o primeiro dia do concurso destinado á prova d'ensaio que os srs. Carlos Abrantes, Menezes Alves, Casal Ribeiro, Eduardo Oliveira e Reis Mene-

2. O sr. capitão Lusignan que ganhou o 1.º e 3.º premios pecuniarios — O sr. tenente J. Alverca que ganhou o 2.º premio pecuniario



1. Panorama de Coimbra

no muitos concursos e o 2.º premio foi para o sr. José Alverca, o 4.º para o sr. Rui Menezes e para o sr. A. Maia o 5.º e o 6.º. Os laços foram ganhos pelos srs. Antonio Calheiros, Alto Mearim e José Alverca.



2. O sr. Sebastião Alto Mearim que ganhou a Taça

zes ganharam. No *omnium* tiveram premios os srs. Casal Ribeiro, José Alverca, Carlos Veloso e Silveira Ramos.

A ultima prova do concurso foi a mais concorrida cabendo o 1.º e 3.º premios ao capitão sr. Lusignan, que ultimamente tem ga-



3. O sr. capitão Calheiros que ganhou a Taça—4. Outro aspeto da assistência—(Clichs do distinto fotografo amator sr. Francisco Ribeiro Camões)

A tragédia do Rio de Janeiro

Um drama emocionante perturbou o Rio de Janeiro pelas circunstâncias estranhas em que se deu e pela qualidade das pessoas que n'ele tomaram parte.

Nas trazeiras da casa de sua residência, em Paula Matos apareceu morto por um golpe de navalha, que quasi lhe decepou o pescoço, o comerciante Adolfo Freire, opulento capitalista e irmão do presidente da Liga Monarquica D. Manuel II, sr. Joaquim Freire. Ao mesmo tempo uma senhora que com ele vivia, D. Maria Antonia, era encontrada muito ferida com navalhas. A policia desco-



1. sr. Joaquim Freire irmão do assassinado — 2. sr.ª D. Maria Antonia a quem o assassino também tentou matar — 3. A vítima, sr. Adolfo Freire

d'alguns dias de prisão. Também correu de começo ter sido o crime uma vingança dos carbonários portugueses em vista das opiniões políticas do assassinado.

Dentro em pouco também era posta de parte semelhante

ideia visto o assassino ter feito novas declarações tendentes a comprometer d'esta vez a amante da vítima que foi detida. A imprensa apossou-se do caso que tem sido discutido apaixonadamente dando lugar ás mais estranhas hipóteses, o que tem embaraçado em demasia a investigação.

O assassino emigrou



4. O assassino Augusto Henriques — 5. Local onde foi encontrado o cadáver — 6. A sr.ª D. Maria Antonia depois de receber o curativo dos seus ferimentos

riu que o assassino era um portuguez, Augusto Henriques, jardineiro da casa do irmão da vítima e que foi preso e acusado de instigador do crime para que não fosse feito um testamento a favor de D. Maria Antonia no valor de cem contos que o amante lhe queria legar.

Causou um verdadeiro escândalo no Brazil semelhante afirmativa que não teve fundamento, sendo Joaquim Freire posto em liberdade ao cabo



ha tempo para o Brazil onde exerceu varias profissões tendo deixado partir d'ali para Lisboa, onde reside na rua Rosa Araujo, 29, sua esposa que se encontrava muito enferma na capital federal.

Em volta do tenebroso crime tem-se agitado todo o rumor d'um grande escândalo a entreter a curiosidade do Rio de Janeiro e mesmo de Lisboa.

Os creados da vítima

Apreensão das bombas do Monsanto



O ex-official de diligencias Carlos Affalo, no governo civil.

por 200 escudos 800 bombas de dinamite ao sr. Honorato Fernandes estabelecido no Penedo, á Ajuda.

Tratado o negocio, foram cheios alguns caixotes e sacos com pedras, pondo-se por cima alguns petardos carregados de cal e que, metidos n'uma furna da ser-



O sr. Belard da Fonseca, o que foi preso no Monsanto e depois posto em liberdade.

(Clichés de Benoliel)

tario sr. Belard da Fonseca que se propou não ter a me-



A carroça das bombas a caminho da rua Pedro Nunes, onde foi detida.

ra de Monsanto aliforam mandados buscar n'uma carroça que era acompanhada por alguns individuos e que foi detida junto á rua Pedro Nunes por dedicados elementos defensores da Republica a quem o sr. Honorato Fernandes contara o facto e que ha muito espionavam a serra.

Na ocasião em que buscavam deter, a carroça o policia 1272 que á paizana acompanhava o

veículo disparou sobre os civis sendo preso.

Os filhos e o neto do official de diligencias Affalo e seu sobrinho Americo Affalo, official do exercito, foram tambem detidos e logo restituídos á liberdade em virtude de não se lhes ter encontrado culpabilidade no «complot» que o grupo civil descobriu.

Tambem no Monsanto foi detido, sendo posto depois em liberdade, o proprie-

nor interferencia nos acontecimentos que se desenvolveram n'essa serra metida na cidade e tão propria para cousas misteriosas.



Er. Honorato Fernandes, que entrou em negociações com Affalo para a venda das bombas.

O passeio da Associação Naval ao Seixal

O passeio da Associação Naval, que ultimamente se realizou revestiu-se de todo o encanto dos que se fizeram antes e aos quaes concorreu grande numero de socios com muitas pessoas de suas



Martins ali possui, fazendo-se depois uma «gimkana» interessantissima na qual tomaram parte algumas das senhoras. Tambem se improvisou um baile e o vapor *Europa*, que



1. Gimkana: corrida de andas

familias entre as quaes reinou sempre a maior alegria.

D'estavez desembarcou-se no Seixal, na quinta da Torre que o sr. Gomes



2. Grupo vencedor da luta de tração

conduzia os excursionistas, voltou pela Trafaria havendo sempre a bordo a maior animação.



3. Outro aspecto das corridas de andas

O PARA' INDUSTRIAL

Fabrica de Cordas e Amiagem



rimo e sempre encantador paiz.

A firma Martins, Jorge & C. foi fundada por portuguezes e pertence a portuguezes. Edificada ha muitos anosjá, foireinaugurada em 1906, sendo que os atuais socios srs.

III

Obedecendo ao criterio preconcebido de apresentar aos leitores da «Ilustração Portuguesa», a documentação literaria e fotografica do papel preponderante da nossa colonia no Brazil, não podiamos deixar de nos referir á mais importante fabrica de cordas e amiagem d'este ubér-

ves Martins, um trabalhador incançavel, Jorge Correia, sob cuja administração se radicou a acreditada firma, e Alfredo Carvalho Dias, provaram á sociedade a grandeza da sua inventiva industrial, os profundos conhecimentos do meio ambiente, no louvavel intuito de o tornar o fóco da industria que não tinha, até então, grande desenvolvimento, vindo importados da



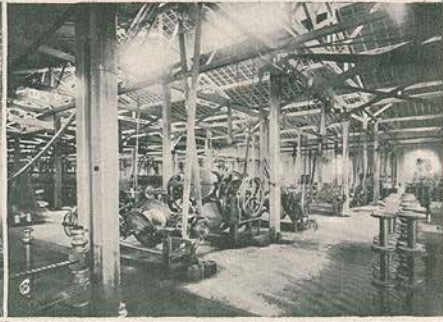
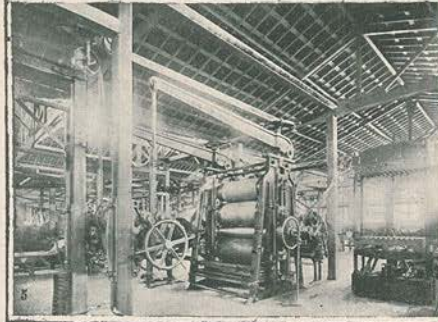
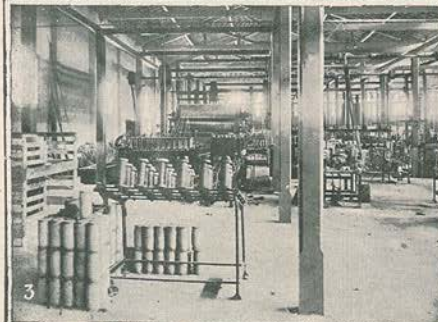
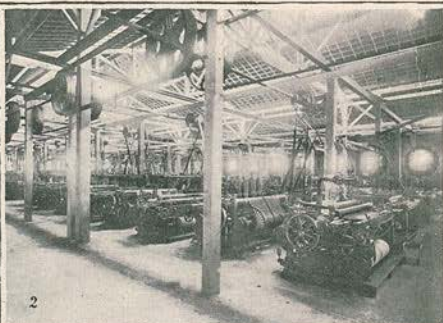
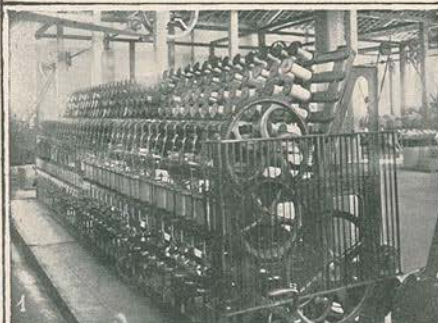
1. Fachada do edificio na Travessa Rui Barbosa.—2. Sr. Antonio Gonçalves Martins, atual socio gerente da fabrica.
3.—Deposito de cabos e amiagem.

America do Norte os varios artefactos que hoje honram a firma pela feliz execucao do seu admiravel fabrico.

Os novos proprietarios mandaram vir engenheiros da Europa. Reorganisaram os servicos de forma a especialisar a fabrica em todos os produtos do seu genero. E' hoje um verdadeiro edificio fabril construido para esse fim, ocupando uma area de 5.280 metros quadrados, tendo de frente 48 metros e 110 de fundo, dividido em

prima importada dos principaes centros produtores, como sejam: sizar para fabrico de cordas, juta e canhamo para a confeccao de aniagem, fio de vela e barbante, para a mercadoria pronta a ser vendida ou exportada, etc.

Ao centro do edificio estao colocados 61 teares, com uma avenida de permeio, dirigidos por 63 tecelãs. A um lado notamos duas poderosissimas maquinas «Urdideiras», preparando o rôlo de fio a entrar nos



1. Torcedeira do fio de vela.—2. Teares de aniagem.—3. Engomador de barbante.—4. Secção de sacos e aniagem.
5. Calandra de aniagem.—6. Corloaria.

tres galpões bem ventilados e dispostos pelos construtores J. S. de Freitas & C." Possui enormes depositos quer de materia

teares; mais adiante, vimos duas curiosas maquinas carreteleiras, a fim de preparar carreteis para as «Urdideiras»; apóz veem-



Deposito de fio de pita em fardos.

se, tambem, outras duas maquinas do bando «espulas» que são a trama para a estopilha. 70 mulheres dirigem este maquinismo.

Deparamos com outra maquina, a que cha-

mam «Calhandra», destinada a engomar e a medir a estopilha, passando d'esta para outra maquina, a fim de ser dobrada e novamente conferida. Esta secção está confiada



Na reinauguração da fabrica.

a dois habéis profissionais, produzindo 500.000 metros de estopilha por ano.

Tres aperfeiçoadas maquinas de autor confeccionam fio de vela, despertando verdadeira curiosidade ao profano a simplici-

motor horizontal da força de 250 cavalos, alimentado por duas caldeiras, tambem horizontaes de igual força, trabalhando com a pressão de 180 lbs.

A firma Martins, Jorge & C.^a é um ver-



dade de execução, podendo, sem perigo, ser manejadas por creanças. Merece especial menção a parte destinada ao fabrico de cordas, onde estão 27 maquinas cardadeiras, fiadeiras automaticas, que com a maior rapidez preparam cordas desde 1/8 de polegada até 6 polegadas, e notámos a verdadeira perfeição d'este artigo que rivalisa com os productos similares estrangeiros. Vimos as perfeitas amarras de piassaba, sendo a materia prima da Amazonia.

Todo este maquinismo é movido por um

dadeiro emporio industrial. Torna-o conhecido é motivo de jubilo para todos os que acompanham de perto a preponderancia da colonia portugueza no norte do Brazil, onde só não valorisam o braço os que não puderem competir com as diligencias, crescentes, do Brazil progressivo. A decantada «arvore das patacas» secou; agora só a intelligencia impera.

Pará, julho 1913.

José Simões Coelho.



1. Mostruario de cabos.—2. Diploma obtido pela fabrica na exposição nacional do Brazil.—3. Eseritorio da fabrica com os empregados sr. Antonio Simões Costa à esquerda, Silvestre Santos Sallé, à direita, o guarda livros sr. José Padua d'Andrade, ao centro.

FIGURAS E FACTOS

Formou-se uma liga composta por alguns dos mais notáveis alemtejanos destinada a tratar do desenvolvimento d'aquella provincia. Foi iniciada a sua propagação por uma conferencia realisada no tea-



tro Cine Terrasse de Elvas pelo illustre jornalista e official do exercito sr. Lourenço Caiola tendo feito discursos tendentes ao levantamento do Alemtejo alguns dos outros distintos membros da commissão.

A commissão que foi a Elvas em propaganda da Liga Alemtejana: De pé da esquerda para a direita: sr. Amancio Zagato; sr. Antonio Acabado; sr. Costa Pinto Junior; sr. Inso, Senador; sr. Costa P. Senior; dr. Vllaret, dr. Abolin; Inglez; dr. Vasconcelos e Sá e Lourenço Caiola.



1. Sr. Montinho d'Andrade, juiz de direito falecido em Tavira.—2. Sr. Gastão Oom, empregado na Companhia do Gaz, falecido em Lisboa.—3. Manuel Coelho da Cunha Neves, residente em S. Paulo (Brazil) e acusado de vir a Portugal para tentar contra a vida do sr. dr. Afonso Costa, preso na gare de Santarem quando ali passava o comboio que levava para o Porto o chefe do governo.—4. Sr.^a D. Amalia Rosa da Cruz, falecida em Cuba.—5. Sr. Antonio Prazeres Gama, falecido em Castro Verde.



Os alunos das escolas moveis pelo metodo João de Deus, de Caldas de Lijó, que fizeram exame ultimamente, com a assistencia dos srs. Martins de Lima e Manuel d'Albuquerque, da Liga d'Instrução Barcelense. A' direita da fotografia a sr.^a D. Leonor Cabral, professora d'aquella escola.



Sr. Gaspar da Costa Ramalho

O hospital de Salvaterra é um grande melhoramento para os pobres d'aquella localidade que muito devem aos benemeritos que o instituiram.



Hospital de Salvaterra de Magos, para cuja construção contribuiu principalmente com o seu dinheiro e os seus inteligentes esforços o abastado proprietario sr. Gaspar da Costa Ramalho.—(Cliché do distinto photographo amator sr. Alvaro Barbosa)

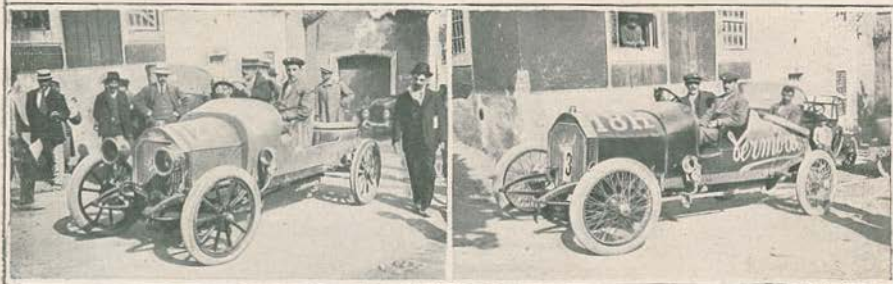


O assentamento da soleira da porta principal do Gremio teatro certãguense da Certã.—(Cliché do photographo amator sr. Olimpio Carneiro.)



Contra almirante sr. Tasso de Figueiredo, da comissão organisadora do gremio e autor da planta do teatro

O novo edificio que embeleza Certã é devido á planta do sr. Domingos Tasso de Figueiredo que a ofereceu á comissão construtora e a cerimonia da colocação da Soleira realisou-se diante das familias mais notaveis da vila que ficou possuindo agora um excelente melhoramento n'esse teatro que comporta 600 pessoas.



Corrida de automoveis na Pimenteira: 5. O automovel Vermorel 12 HP. que ganhou o 1.º premio da 2.ª categoria. 6. O sr. Rochede que conduzindo o automovel Vermorel 18 HP. e que ganhou o 2.º premio. (Clichés de Benollet)

SUPPLICA

A ti mulher! p'ra quem meu coração
não tem valor algum, porque o não sentes,
e com a mesma verdade com que mentes
dás na mentira a força da razão.

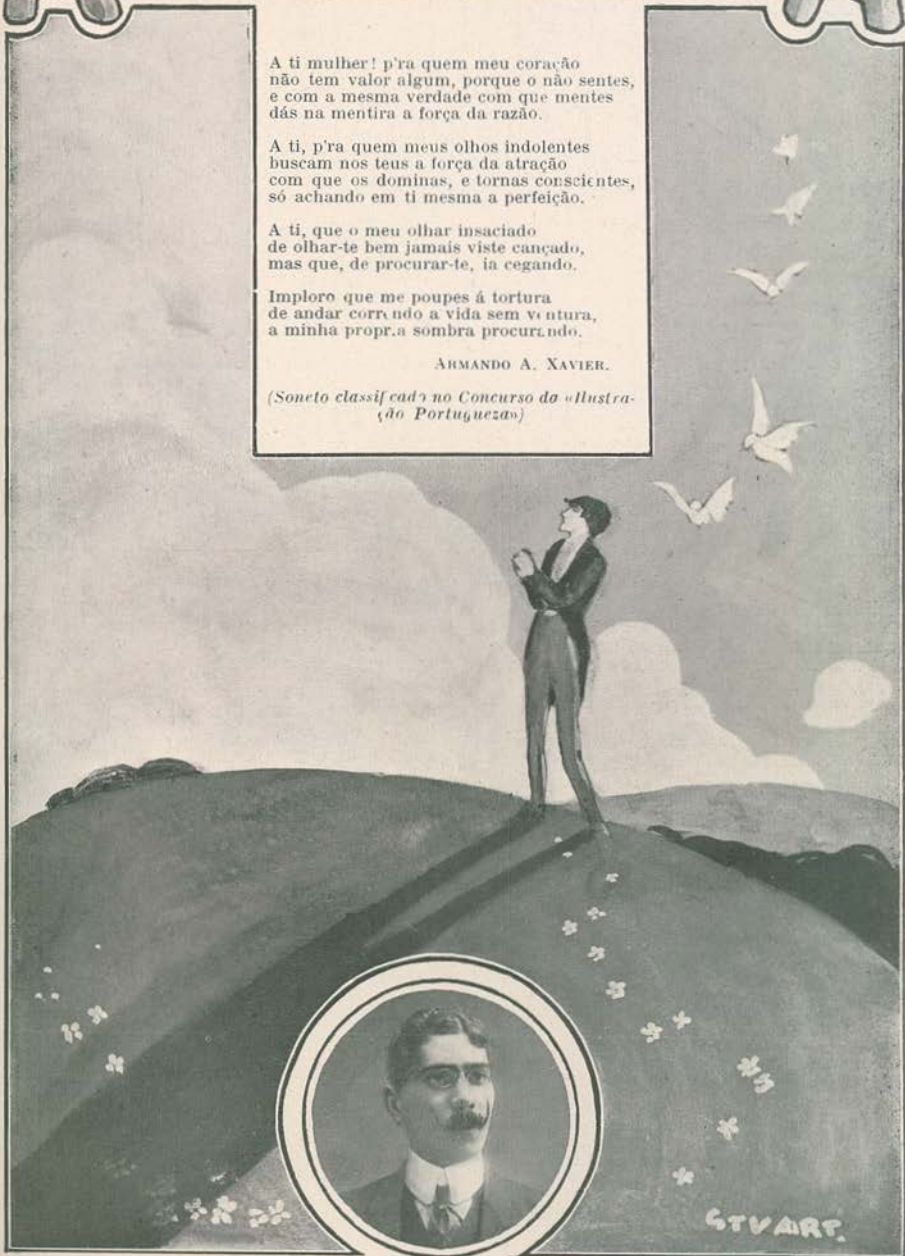
A ti, p'ra quem meus olhos indolentes
buscam nos teus a força da atração
com que os dominas, e tornas conscientes,
só achando em ti mesma a perfeição.

A ti, que o meu olhar insaciado
de olhar-te bem jamais viste cansado,
mas que, de procurar-te, ia cegando.

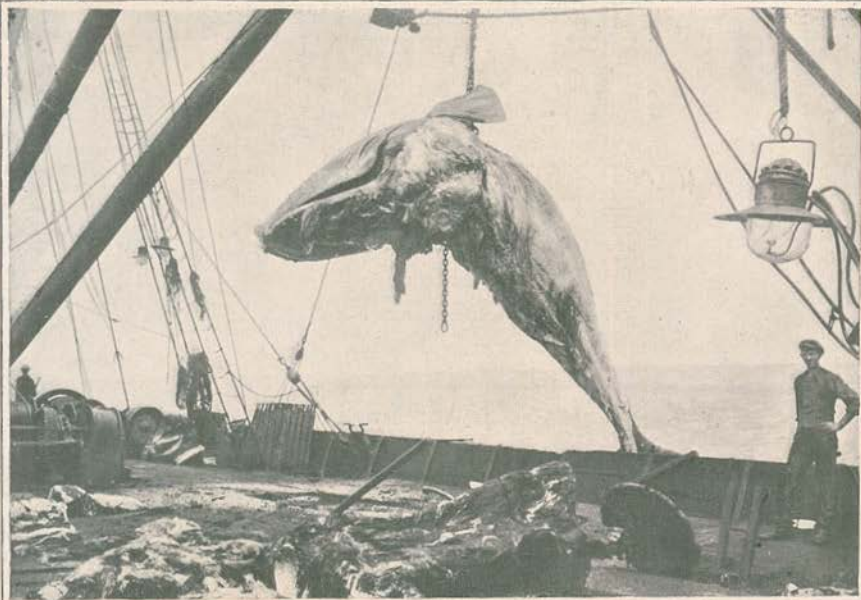
Imploro que me poupes á tortura
de andar correndo a vida sem ventura,
a minha propr.a sombra procurando.

ARMANDO A. XAVIER.

(Soneto classificado no Concurso de «Ilustração Portuguesa»)



A pesca da baleia em África



A baleia depois de se lhe tirar o toucinho, recolhida para bordo do vapor inglês *Restituição*.

Porto Alexandre tem-se desenvolvido de uma fôrma verdadeiramente notavel desde que uma grande colonia de pescadores algarvios ali se instalou, dedicando-se á pes-

ca da baleia que é hoje feita n'aquelas aguas em larga escala por vapores de diversas nacionalidades e que ali veem preparar os cetaceos.



Em Porto Alexandre: O descarnamento do queixo d'uma baleia a bordo do *Restituição*
(Cliché do distinto fotografo sr. José P. B. Passaporte)

O submersível "Espadarte,, no Tejo

A marinha portuguesa tem o seu primeiro submersível. E' o «Espadarte.» Chegou ao Tejo em 5 d'Agosto, depois d'uma viagem cheia d'incidentes.

Foi construido nos estaleiros de Livorno que são dirigidos pelo celebre engenheiro Orlando. Logo á saída do canal como o mar estivesse rijo e os motores de combustão trabalhassem irregularmente, teve que arribar a fim de ser concertado. Durante a viagem sucederam ainda varias avarias aos motores sendo essa a causa da demora e tambem o motivo porque a casa construtora quasi bucava impôr para seguir viagem no submersível um dos seus operarios perito em concertos, o que o comandante do «Es-



padarte» recusou por um natural escrúpulo.

A' construção do barco assistiu o operario do Arsenal de Marinha sr. Julio José dos Santos que demonstrou raras qualidades de trabalho e de proficiencia técnica, sendo alvo de elogios por serviços prestados durante a travessia do «Espadarte» de Spezia a Lisboa.

O submersível tem 45,15 metros de comprimento, 4,50 metros de boca externa e desloca 245 a 300 toneladas, quando submerso tem o andamento de 12 a 13 milhas á superficie quando acionado por motores de combustão e de quando submerso e trabalhando com motores electricos.



1. O comandante do submersível sr. Almeida Henriques com sua familia no dia da chegada ao Tejo—2. A tripulação do primeiro submersível da marinha portuguesa



O submersível *Espadarte* o no dia da sua chegada ao Tejo (Cliché tirado da ponte do Arsenal no momento em que o barco fundeou).
(Clichés de Benoliel)

A ILHA BRAVA



A ilha Brava, do arquipélago de Cabo Verde, é do grupo de sotavento a mais linda e de mais agra favel clima. E' fertilíssima. Produz todos os generos alimentícios que se dão nas outras ilhas e é pela sua situação a mais frequentada por europeus e americanos que ali descançam.

Fica no topo d'um rochedo e os seus hortijos verdejantes, os seus pomares, os seus jardins onde crescem as flôres fazem

d'essa terra africana como um paraizo á beira d'agua que reflete n'alguns pontos as suas casinhas alvas.

Nas suas montanhas podiam estabelecer-se estações de saude tantas são as nascentes d'aguas mineraes que por lá existem e entre as quaes se destacam as da fonte intitulada do Vinagre que teem sido citadas em relatorios como d'um salutar efeito nas hipertrofias do baço e do figado por medi-



1. Fonte da Lavadoura na Ilha Brava.—2. Vista geral do porto da Furna da ilha Brava (Cabo Verde)



O porto da Furna.

cos distintíssimos como os srs. drs. Vera Cruz e Alfredo Luiz Lopes, que assim mostram uma das riquezas d'essa ilha das mais formosas de Cabo Verde.



Vista parcial da povoação de S. João Batista na Ilha Brava.

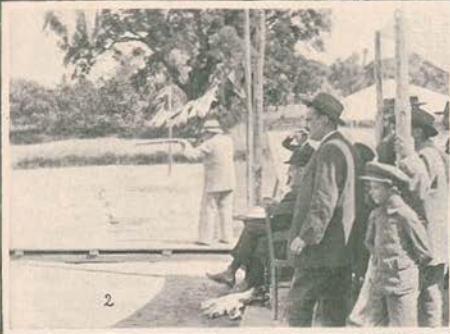
FIGURAS E FACTOS

Os torneios de tiro aos pombos em Castelo Branco estão despertando um enorme interesse chamando ao local onde se realisam uma grande concorrência das familias mais distintas da cidade.

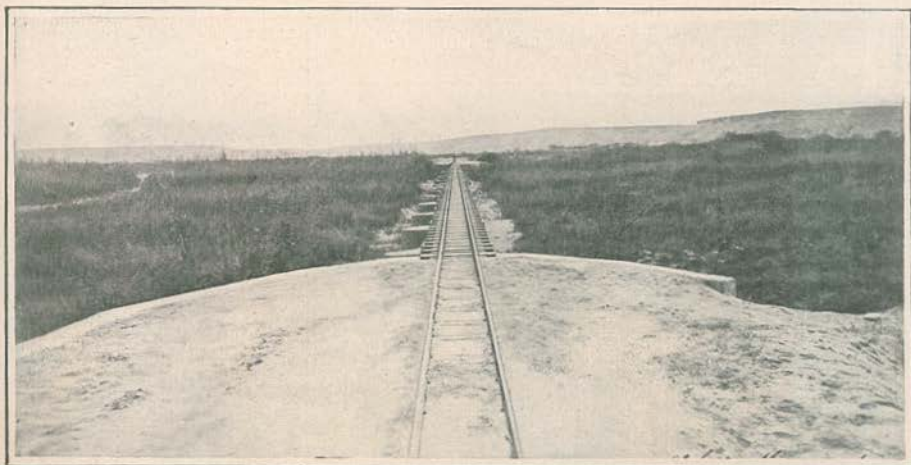
No ultimo que ali se dis-



putou ganhou o primeiro premio o sr. José Mota, tendo outros habéis atradores feito belos tiros que mereceram tambem os aplausos da assistencia e os louvores dos peritos d'esse genero de sport.



1. Torneio de tiro aos pombos em Castelo Branco: O sr. José Mota que recebeu o 1.^o premio, alvejando—2. O atirador sr. José Olajo—3. O atirador sr. José Burgos



A expansão africana: Caminho de ferro de Mossamedes. A ponte sobre o rio Girau—(Cliché do sr. J. B. Passaporte



1. O 1.º oficial do governo civil de Portalegre, sr. João Augusto Tavares, falecido n'aquella cidade.—2. Fiscal da Companhia das Aguas, sr. Antonio Felix Candeira, falecido em Lisboa.—3. Sr. Henrique Feijó Barreto, empregado da Junta do Credito Publico, falecido em Lisboa.—4. Capitalista sr. Manuel B. Cosma, falecido em Aguas-Barrada.—5. Major de cavalaria sr. Higinio da Silva Leite, falecido em Castelo Branco.—6. O empregado publico sr. Manuel Rolão Martins, falecido em Lisboa.—7. O tipografo da Imprensa Nacional sr. Eduardo Fernandes d'Abreu, falecido em Lisboa.—8. O illustre gravador sr. Alfredo Taveira, irmão do sr. Henrique Taveira, da Associação Industrial e que faleceu na Republica de Cuba, onde occupava um logar de destaque.

O fecundo cronista Albino Forjaz de Sampaio, cujo livro *Palavras Civicas* lhe deu um logar de destaque nas letras por tuguenez, acaba de publicar um interessante estudo sobre Schopenhauer no qual revela



1. O sr. Albino Forjaz de Sampaio, autor do estudo sobre Schopenhauer, recentemente publicado.

as suas qualidades d'analista e a curiosidade com que o seu espirito seguiu a figura pessimista cuja obra adquiriu uma reputação universal e influiu poderosamente em certas correntes britannicas.



2. Os cabos que foram servir na provincia de Angola para onde partiram a bordo do *Beira* srs. Luiz Fernandes da Costa, Ernesto Pereira Leite Bastos, Augusto Costa, Antonio Cardozo Junior, João Manuel. Vitor Hugo Miranda, Francisco da Silva, José Antonio da Silva, Antonio Braga, Claudio Cardozo, Domingos Vilaça.—3. A atriz Etelvina Serra, na revista *O 31* no Teatro Avenida no papel de *Semente da democracia*.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESP.ABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (A vergaria-a-veina). Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de torma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LI. BUA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e l-orto: **Companhia Prado.** 18
Numero telephonic: **Lisboa 605—Porto, 117**

CAPITAL

| | |
|---|--------------|
| Acções..... | 360.000\$000 |
| Obrigações..... | 323.910\$000 |
| Fundos de reserva e de amortisação..... | 266.400\$000 |
| Réis..... | 950.310\$000 |

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e

POUGUES - SPLENDID - HOTEL

Estabelecimento Thermal, Casino, Theatro

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA 24

POUGUES - LES - EAUX

(3 h. de Paris)

Estomago—Intestinos—Neu asthonia

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

Preço 20 rs. cada numero

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos: analyses e informações.

Por assinatura, trimestre 250 réis

A mais barata publicação do genero

Escola Politechnica

Frankenhausen (Allema- nha)
Construções de machinas geraes e agricolas
Electr. technica e architectura



Seda
Suissa
franco
de porte a domicilio.
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.
Schweizer e Ca., Lucerne E 12
(Suissa)



Seculo Comico

Semanario alegre proprio para a leitura em familia

Em todos os numeros

CONTOS COMICOS,
CARICATURAS, VERSOS
ALEGRES, ETC., ETC.



Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Composição e Impressão

ZINCOGRAVURA E FOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado.

Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo—o de tricromia.

PARA JORNAES com tramas especies para este genero de trabalhos. STEREO TIPIA de toda a especie de composiçào. Impressão e composiçào de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

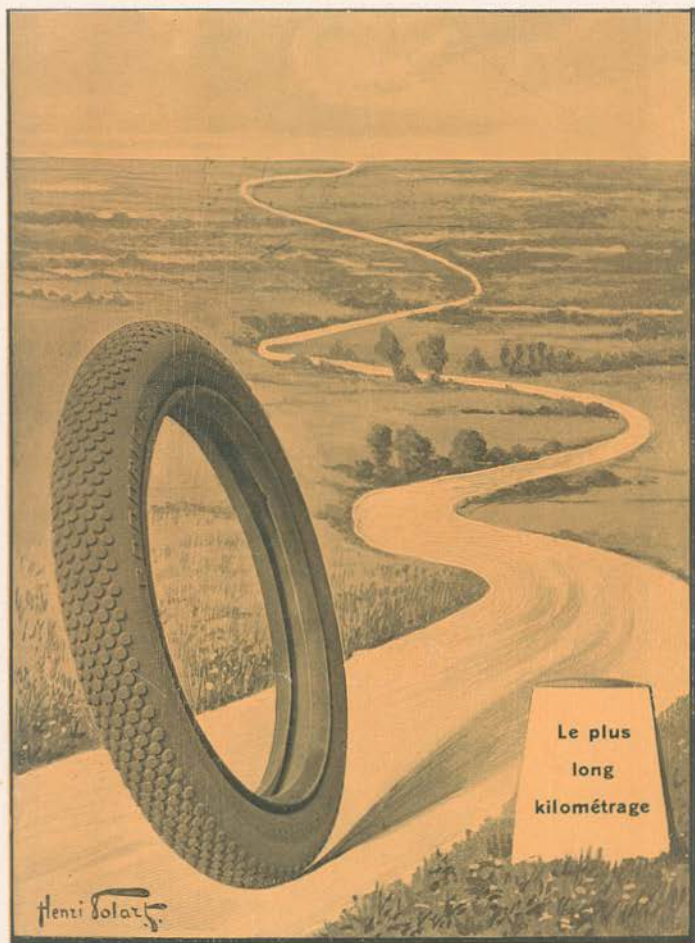
Officinas da ILUSTRAÇÃO "PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo 43—LISBOA



Pneu GOODRICH

Superior ao melhor



A' VENDA: Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}, Rocio—Lisboa

LAURENCEL & OLIVEIRA, Rua Andrade Corvo—LISBOA.

MAGALHÃES & MONIZ L.^{da}, L. dos Loios, II—PORTO.

ZENHA & C.^{da}—BRAGA.

JOSE' MARIA DIONIZIO JUNIOR—VIZEU.

AUTO GARAGE GOUVEENSE — GOUVEIA.

AUTO GARAGE—COVILHÃ.

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES—ELVAS.

SIMÕES & FLORIVAL—EVORA.

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Largo de S. Carlos, 5 e 6—LISBOA